

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILINGUE

CRISTIANA SOUSA CAIXETA AQUINO

A IMPORTÂNCIA DOS E DAS EDUCADORAS NA CONSTRUÇÃO
DA AUTONOMIA DOS E DAS EDUCANDAS EM PAULO FREIRE

APARECIDA DE GOIÂNIA

2022



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Cristiana Sousa Caixeta Aquino

Matrícula: 0181090080140

Título do Trabalho: A IMPORTÂNCIA DOS E DAS EDUCADORAS NA CONSTRUÇÃO DA
AUTONOMIA DOS E DAS EDUCANDAS EM PAULO FREIRE

Autorização - Marque uma das opções

1. (x) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG;
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____;
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG.

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 26 / 08 / 2022.
Local Data

Cristiana Sousa Caixeta Aquino

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

CRISTIANA SOUSA CAIXETA AQUINO

A IMPORTÂNCIA DOS E DAS EDUCADORAS NA CONSTRUÇÃO
DA AUTONOMIA DOS E DAS EDUCANDAS EM PAULO FREIRE

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Pedagoga. Orientadora: Profa. Dra. Aleir Ferraz Tenório.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A657 Aquino, Cristiana Sousa Caixeta
A importância dos e das educadoras na construção da autonomia dos e das educandas em Paulo Freire. / Cristiana Sousa Caixeta Aquino. - Aparecida de Goiânia, 2022.
59 f.

Orientadora: Dra. Aleir Ferraz Tenório.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilingue, 2022.

1. Educação. 2. Autonomia. 3. Paulo Freire. 4. Educadoras e educadores. I. Título.

CDD 370.115

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Cristiana S. Caixeta Aquino

A importância dos e das educadoras na construção da autonomia dos e das educandas em Paulo Freire

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Aparecida de Goiânia como requisito parcial para a obtenção do título de Licencianda em Pedagogia Bilingue, desenvolvido na linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade sob orientação da Dra. Aleir Ferraz Tenório.

Aprovado em 26 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa. Dra. Aleir Ferraz Tenório

(assinado eletronicamente)

Profa. Dra. Keith Daiani da Silva Braga (Membro Interno)

(assinado eletronicamente)

Profa. Dra. Alciane B M Pereira (Membro Interno)

Documento assinado eletronicamente por:

- Keith Daiani da Silva Braga, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 02/08/2022 12:33:20.
- Alciane Barbosa Macedo Pereira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 28/07/2022 16:39:24.
- Aleir Ferraz Tenorio, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 27/07/2022 12:25:59.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 26/07/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 306639

Código de Autenticação: 84f00f4905



DEDICATÓRIA

À Deus, pois sem ele, nada é possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me fez forte para prosseguir.

À minha família, em especial minha mãe que sempre me incentivou.

Às minhas colegas Andréa Rodrigues, Maria Helena, que em meio aos desafios não deixaram de me incentivar.

Aos meus professores e professoras, em especial à minha orientadora Profa. Dra. Aleir Ferraz Tenório, que não deixou de acreditar na minha coragem e determinação para avançar um pouco mais mesmo em meio a tantas dificuldades.

RESUMO

A partir da pergunta norteadora, qual a importância dos e das educadoras na construção da autonomia dos e das educandas, buscamos, como objetivo geral refletir sobre a importância dos e das educadoras nesta construção. Para tanto realizamos um estudo de cunho bibliográfico nas obras de Paulo Freire: *Pedagogia da Autonomia*, em primeiro lugar e, também, *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia como Prática de Liberdade*. O sujeito autônomo é aquele que contribui ativamente para o seu próprio processo de aprendizagem e de vida, com liberdade de pensamento e ação. Ou seja, aquele indivíduo que traz para o espaço escolar suas vivências para que junto com os e as educadoras construam relações favoráveis para o seu processo de autonomia. Para compreender Paulo Freire, suas obras e sua forma de enxergar a Educação, outros autores nos auxiliaram na nossa trajetória de estudos: Gadotti (2001), Araújo (1996), Kohan (2019). Segundo os autores e autoras estudados e o próprio Freire, o processo educacional deve se constituir por relações dialógicas que permitam o despertar da curiosidade crítica, tornando os sujeitos reflexivos e abertos ao novo, notamos que os e as educadoras enfocadas na pedagogia libertadora na perspectiva de Paulo Freire, encontram o presente tocante para a transformação do pensamento do ser do e da educanda em busca de sua autonomia. Autonomia esta que é um processo centrado em experiências que devem ser estimuladas. Experiências baseadas no respeito de quem enxerga no Ser do educando alguém em condições de fazer história.

Palavras chave: 1. Educação; 1. Autonomia; 3. Paulo Freire; 4. Educadoras e Educadores

ABSTRACT

From the guiding question – what is the importance of the educators in the building of pupils' autonomy – we aimed, as a general goal, in terms of a first approach to the topic, to reflect upon the importance of the educators in this construction. For this purpose, we carried out a bibliographic study of Paulo Freire's works: *Pedagogy of Freedom*, in the first place, *Pedagogy Of The Oppressed* and *Education: The Practice of Freedom*. The autonomous individual is the one who actively contributes to their own learning and life process with freedom of thought and action. In other words, the individual who takes their experiences to scholar environment, so that, together with the educators, they can build favoring relationships to their autonomy process. To comprehend Paulo Freire, his work and his ways on understanding Education, other authors supported us in our studies route: Gadotti (2001), Araújo (1996), Kohan (2019). According to the supporting authors and Freire himself, the educational process must be built by dialogical relations that enable the critical curiosity awakening, turning the pupils into reflexive subjects and

individuals who are open to the new. We noticed that the educators who focus on the liberating pedagogy under Paulo Freire's perspective find this to transform the thought of the being of the pupil seeking their autonomy. The autonomy construction is a process centered around experiences that must be stimulated, based on the respect of who see on the pupil's Being someone able to make history.

Key words: 1. Education; 1. Autonomy; 3. Paulo Freire. 4. educators

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O EDUCADOR E FILÓSOFO PAULO FREIRE: QUEM FOI E QUEM É.....	14
1.1. Paulo Freire: um resumo de sua biografia.....	14
1.2. Paulo Freire: seu legado sob o olhar de outras vidas e autores	19
1.3. Paulo Freire: obras e produções teóricas	25
1.4. Paulo Freire: pensamento e teoria sobre Educação.....	31
2. COMPREENDEENDO O CONCEITO DE AUTONOMIA EM PAULO FREIRE	40
2.1. Refletindo sobre o significado de autonomia.....	40
2.2. O que é autonomia para Paulo Freire.....	43
3. A IMPORTÂNCIA DOS E DAS EDUCADORAS NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DOS E DAS EDUCANDAS	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERENCIAS	58

INTRODUÇÃO

Ao ler o livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), *Pedagogia do Oprimido* (1987) e *Educação como Prática da Liberdade* (1967), de Paulo Freire, fui tomando conhecimento da maneira como o autor tece, passo a passo, a sua teoria educacional, em prol da autonomia e da libertação dos sujeitos. A forma como ele nos conclama, para construir uma educação libertadora por meio do qual o saber flua de forma simples, criativa, onde o viver e o aprender caminham juntos, possibilitando uma aprendizagem significativa, criativa e livre.

Eu, filha de lavrador, analfabeto funcional, intriga-me a busca do conhecimento que me possibilitará, cada dia mais, uma nova visão de mundo em favor da igualdade e da autonomia humana. Minha experiência em uma infância na zona rural me trouxe uma cultura livre do brincar e do aprender, sempre, com muita simplicidade.

De acordo com Paulo Freire (1996), o ensinar e o aprender tem a ver com o cotidiano da vida e ter a própria cultura valorizada, levando em conta sua bagagem de vida e suas experiências no processo do ensino e da aprendizagem.

Assim, como meus pais e avós, eu, também, presenciei em minha infância, que é possível ver que muitos ainda recebem nas instituições escolares informações e conhecimentos sem contextualizá-los ou mesmo sem refletirem sobre eles e sem condições de se construírem como sujeitos autônomos, autodeterminados e livres.

Dentre outras questões importantes que se deram ao longo da minha graduação, este, foi um dos motivos, que nasceu em mim o desejo de pesquisar este tema que versa sobre o papel e a importância dos e das educadoras na construção da autonomia dos e das educandas em Paulo Freire. A partir do interesse em pensar sobre o papel do professor na obra Freiriana elegemos como objetivo maior para esta pesquisa o de refletir, sobre a importância dos e das educadoras segundo a teoria Freireana, na construção da autonomia pelos e pelas educandas. Quanto aos objetivos específicos que nos nortearam, foram eles: Investigar em termos gerais a vida e obra de Paulo Freire; compreender o conceito de autonomia em Paulo Freire e refletir em torno da importância dos e das educadoras na construção da autonomia dos e das educandas.

Acreditamos que esta discussão é muito importante pois contribuirá na minha própria formação, já que no nosso curso de Pedagogia tivemos muito pouco contato com as obras deste importante teórico, e para a de futuros pedagogos e profissionais da educação já em atuação que aqui são chamados para desenvolver uma educação para a autonomia.

Sobre autonomia, sabemos que ela faz parte, segundo a teoria Freireana da vocação do ser humano, mas para que de fato vivamos esta vocação é necessário passarmos pela ação transformadora, onde os e as educadores(a) têm um papel fundamental para o desenvolvimento das habilidades que compõem a construção da nossa independência e autodeterminação.

Sobre Paulo Freire, ele dispensa apresentações, mas vale lembrar se tratar de um dos mais extraordinários educadores e filósofo brasileiro. Ganhador do maior número de prêmios mundo a fora e que nos orgulha e nos ensina tanto sobre Educação e sobre o mundo com um grande número de obras escritas em vários idiomas.

Do ponto da metodologia, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico, que segundo Severino (2007), trata-se da investigação teórica de materiais já elaborados e publicados, tais como livros, revistas etc. Inclui, também, o levantamento de dados teóricos já analisados e registrados por outros pesquisadores.

Segundo Gil (1987), a análise dos dados de livros é realizada a partir das leituras de referência de caráter seletivo procurando manter aquilo que é relevante para o desenvolvimento do tema escolhido.

Segundo este autor, a grande importância da pesquisa bibliográfica é que ela permite ao pesquisador alcançar um amplo número de informações, compreender o passado sem maiores obstáculos e resgatar dados dispersos que antes foram publicados. Em muitos casos a pesquisa bibliográfica é a única forma de conhecer a teoria dos fatos para a produção do conhecimento

[...] reafirma-se a pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas (LIMA e MIOTO, 2007 p. 7).

A pesquisa bibliográfica exige dos e das pesquisadoras adotar métodos com um rigor científico, esta “[...] implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA e MIOTO, 2007, p. 2).

Como o nosso objetivo foi pensar a autonomia em Paulo Freire e a importância dos educadores e educadoras na construção dela em seus educandos/as, fomos conhecer com mais rigor este grande educador: sua biografia, suas obras, sua teoria de educação e depois nos detivemos no seu conceito de autonomia. Na nossa pesquisa bibliográfica, a base de consultas principal foram as obras: *Pedagogia da Autonomia*, *Pedagogia do Oprimido* e *Educação como Prática de Liberdade*. Principalmente a primeira obra. O livro *Pedagogia da Autonomia*, lançado em 10 de abril de 1997, foi a última obra a ser lançada por Freire em vida. Nela expressa seu pensamento progressista fundamentado numa prática docente libertadora e evidencia proposições de uma atuação pedagógica e docente que se volta a construir a autonomia dos educandos. A obra *Pedagogia do Oprimido* foi planejada mentalmente pelo autor por mais de um ano. Após este período, Paulo Freire decide no ano de 1967 começar os escritos, concluindo os três primeiros capítulos em apenas quinze dias. O quarto e último capítulo exigiu de Paulo Freire meses de trabalhos para organizar suas ideias de acordo com seus estudos no que se refere a teoria política. Sendo este concluído com muito esforço no ano de 1968. Contudo esta obra só foi publicada no ano de 1970 nos Estados Unidos. Neste mesmo ano, com auxílio de Jean Ziegler, amigo de Freire, cópias originais de *Pedagogia do Oprimido* chegaram ao Brasil. *Educação como Prática da Liberdade* foi lançado no ano de 1959 é composto por quatro capítulos e trazia em sua primeira edição reproduções de telas de Francisco Brennand, sendo estas confiadas ao trabalho do pintor Vicente de Abreu. Essas três obras foram escolhidas porque são obras básicas para compreender o pensamento de Freire, sendo que a primeira traz no seu título a autonomia – o objetivo maior do que pretendíamos pesquisar e discutir.

Entretanto, outros autores estudiosos de Paulo Freire foram consultados, como Gadotti (2001, 1997) que trabalhou com ele no Instituto Paulo Freire e escreveu uma de suas biografias. Sua esposa Ana Maria Araújo (1996, 2018) que também escreveu

um importante livro sobre a vida e obra de Paulo Freire e Kohan (2019) que tem se dedicado a estudar do ponto de vista filosófico a vida e obra de Paulo Freire. Tais autores subsidiaram, também, nossa pesquisa para uma melhor compreensão de seu pensamento no sentido de responder à pergunta central: Qual a importância dos e das educadoras na construção da autonomia nos e nas educandas?

Para responder à pergunta central aqui exposta, o trabalho divide-se da seguinte forma: no primeiro capítulo apresentamos a bibliografia de Paulo Freire, quem ele é, sua infância, suas obras e o pensamento dele por ele mesmo e sob o olhar de outros autores. No segundo capítulo buscamos compreender o significado de autonomia e refletir em como Paulo Freire a define. Por último, no terceiro capítulo, realizamos nossa reflexão sobre as práticas educativas e a importância do e da educadora para a formação de sujeitos autônomos. Nas considerações finais reafirmamos a importância desta práxis dialógica para a construção de uma educação que promova a conscientização e a autonomia dos e das educandas.

Acreditamos que as instituições de ensino são capazes de oferecer educadores e educadoras com metas de criar em sala de aula um ambiente harmonioso de forma aberta para o ensinar aprender, tendo a convicção que o ser humano é um ser inacabado e que sua missão enquanto educador e educadora é de exercer o papel mediador do conhecimento, valorizando e respeitando aquilo que os e as educandas trazem como experiências vividas pois é a partir desse contexto que estão contribuindo para a construção da autonomia do ser do educando e da educanda.

O ensino pautado na ética, no respeito às diferentes identidades podem proporcionar uma relação dialógica de forma que possibilita o desenvolvimento integral da autonomia dos indivíduos a fim de uma sociedade igualitária onde todos passam a ter direito de opinar, e decidir por si só aquilo que julgam ser o melhor para si e para os demais.

Acreditamos que esta pesquisa é relevante para todos e todas leitoras, pois nela há uma singela reflexão do ser educador, e suas contribuições para a construção do saber. Ao despertar para as práticas educativas notamos que elas contribuem para a criação de possibilidades para novas produções de conhecimentos que favorecem a construção da autonomia das pessoas.

1. O EDUCADOR E FILÓSOFO PAULO FREIRE: QUEM FOI E QUEM É

Uma vez que a temática deste trabalho diz respeito à discussão acerca da importância dos educadores e das educadoras na construção da autonomia segundo Paulo Freire, escolhemos neste primeiro capítulo apresentar este importante filósofo e pensador da educação. Quem foi ele? Qual o seu legado? Que obras nos deixou e qual o seu pensamento sobre educação?

De antemão, vale considerar Paulo Freire como o grande patrono da educação brasileira – título este recebido desde o ano de 2012. Trata-se, segundo ele próprio se apresenta como um Cristão, marxista, filósofo, escritor e, sabemos, dono de um saber incomparável. Homem de garra e coragem capaz de enxergar que qualquer vida merece ser vivida. Mesmo odiado pela ditadura e pelas autoridades, nunca se deixou abater.

Com ousadia sonhou pela emancipação dos sujeitos, de tal forma que mesmo exilado e preso construiu uma de suas mais belas obras: Pedagogia do Oprimido. Seu legado não se resume a, apenas, obras escritas ou faladas, elas estão entrelaçadas no coração e na mente de cada pessoa que acredita ser possível ir mais além, responder por si mesmo, de sonhar com uma sociedade mais justa.

1.1 Paulo Freire: um resumo de sua biografia

Paulo Reglus Neves Freire, ou apenas Paulo Freire, nasceu em 05 de outubro de 1921 na cidade de Recife em Pernambuco. Nasceu no bairro da casa Amarela, às 9 horas da manhã. O pai é Joaquim Freire, capitão da Polícia militar e a mãe Edeltrudes Freire, conhecida como Tudinha – dona de casa. O seu falecimento ocorreu em 02 de maio de 1997 na cidade de São Paulo onde passou a viver desde 1980, quando retornou do exílio (ARAÚJO, 1996).

A infância de Paulo Freire foi marcada por dificuldades financeiras. No entanto, a união familiar foi algo sempre presente em sua família - fato marcante levantado pelos seus biógrafos. Ele foi alfabetizado em casa pelos pais que usavam como recursos gravetos para ensiná-lo a ler e escrever no chão do quintal da casa onde

nasceu. Só aos 6 anos de idade começou a frequentar a escola tendo como professora dona Eunice que usava como método de ensino debates das palavras de conhecimento prévio de seus alunos e não se importava em fazer com que estes decorassem regras (ARAÚJO 1996).

Segundo Araújo (1996), no ano de 1931, Freire foi viver no município de Jaboatão dos Guararapes cidade vizinha de Recife. Lá passou por um período de fome que, muitas das vezes, atrapalhava seu aprendizado, mas concluiu a escola primária com êxito e segundo ela,

[...] foi lá que aprendeu a dialogar na ‘roda de amigos’ e aprendeu a valorizar sexualmente, a namorar e a amar as mulheres e por fim foi lá em Jaboatão que aprendeu a tomar para si, com paixão, os estudos das sintaxes popular e erudita da língua portuguesa. Jaboatão foi um espaço-tempo de aprendizagem, de dificuldades e de alegrias vividas intensamente, que lhe ensinaram a harmonizar o equilíbrio entre o ter e o não-ter, o ser e não-ser, o poder e não-poder, o querer e não-querer (ARAÚJO, 1996, p. 29).

Na época não havia em Jaboatão escolas oferecendo o nível secundário de ensino e com isso foi matriculado na capital pernambucana, já com dezesseis anos de idade para frequentar as aulas particulares do primeiro ano desse curso no Colégio 14 de julho, contudo, na abordagem do próprio Paulo Freire, relatado por Araújo (1996, p. 33).

[...] minha mãe não tinha condições de continuar pagando a mensalidade e, então, foi uma verdadeira maratona para conseguir um colégio que me recebesse com uma bolsa de estudos. Finalmente ela encontrou o Colégio Oswaldo Cruz e o dono desse colégio, Aluizio Araújo, que fora antes seminarista, casado com uma senhora extraordinária, a quem eu quero um imenso bem, resolveu atender o pedido de minha mãe. Eu me lembro que ela chegou em casa radiante e disse: única exigência que o Dr. Aluizio fez é que você fosse estudioso”. Eu, poxa, eu gostava muito de estudar e fui então para o Colégio Oswaldo Cruz, onde me tornei, mais adiante, professor.

Conforme a autora mencionada, Paulo Freire ingressou-se na Faculdade de Direito do Recife aos 22 anos de idade, tendo cursado tal faculdade entre os anos de 1943 a 1947. Fez esta “opção” por ser a que se oferecia dentro da área de ciências

humanas, no entanto não deixou morrer dentro de si o desejo de continuar seu trabalho de “professor de sintaxe”.

Logo em sua primeira causa desistiu da profissão e encaminha sua vida para o magistério tornando professor de língua portuguesa no então colégio Oswaldo Cruz que o levaria anos depois ocupar o cargo de diretor do setor Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI).

No dia 9 de agosto de 1956, foi nomeado membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife pelo então prefeito progressista Pelópidas Silveira. Alguns anos depois foi-lhe concedido o cargo de Diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife (ARAÚJO, 1996).

Em julho de 1958, após apresentar o trabalho “Populações Marginais”: Mocambos, no II Congresso Nacional de Educação de Jovens e Adultos, no Rio de Janeiro, firmou-se como educador progressista. Neste congresso expõe com bastante clareza sua visão de que o trabalho educativo deveria ser acessível a todas as camadas sociais e que a alfabetização de jovens e adultos teria que estimular a decisão, a participação e a responsabilidade social e política.

No ano posterior, recebe o título de Doutor em Filosofia e História da Educação, sendo nomeado professor efetivo de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife. Um ano depois, foi-lhe também conferido o certificado de Livre-Docente da cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes (ARAÚJO, 1996).

Confiante no domínio interino dos conteúdos de História e Filosofia da Educação, Araújo (2018) nos informa que Freire cada vez mais busca e se firma em novos caminhos que o leve a leituras críticas e que o torne um educador ético-político e crítico libertador.

Preocupava-se, então, em ler cada dia mais e avidamente autores dos mais progressistas aos mais conservadores, nacionais e estrangeiros, para ir formando suas próprias ideias, sua epistemologia, ou, como gostava de dizer, “uma compreensão crítica da educação”. (ARAÚJO 2018, p. 113).

Ao mesmo tempo que avançava a práxis de Paulo Freire, em sua maioria sentem -se ameaçados pelos movimentos populares sobretudo influenciados pelas teorias freirianas, se organizam com as Forças Armadas com argumentos políticos, ideológicos é dado o golpe de 1964, divulgando ao mundo que “Sistema Paulo Freire” trariam ao país gastos desnecessários como por exemplo a compra dos projetos de slides de um país comunista (Polônia), justificando a aplicação do Método de Alfabetização de Paulo Freire era uns dos mais caros existentes no Brasil (ARAÚJO, 2018).

Dado o golpe, Freire foi surpreendido e preso por dois policiais no dia 16 de junho de 1964, sendo apresentado pela Segurança Pública de Pernambuco e em seguida foi levado para a Companhia de Guarda do Exército, no Recife, onde foi fichado e ficou retido por alguns dias. Logo em seguida, foi novamente surpreendido em sua residência no dia 3 de julho do mesmo ano sendo levado a prisão passando por diversos quartéis localizados em Recife e em Olinda, permanecendo por cinquenta dias.

Durante os períodos em que esteve preso, e que confessava jamais ter se sentido desesperado, quer no Recife quer em Olinda, Paulo dizia ter aprendido com as dificuldades da vida de preso, pois era essa a sua prática de prisioneiro. Nesses períodos, teve a oportunidade de aprofundar amizades e de aprender com a coragem de ser gente de pessoas como Clodomir Moraes, líder na luta pela reforma agrária com os camponeses; Pelópidas Silveira, então prefeito do Recife, e Rui João Marques, médico e professor da Universidade do Recife (ARAÚJO, 2018, p. 226).

Os quase setenta dias passados na prisão, conforme relata Araújo (2018), Paulo Freire continua a construção e apresentação de sua proposta educativo-ético-antropológica, expondo a sociedade as condições em que seria possível o analfabeto aprender a palavra e também atribuir um significado de mundo, sendo este capaz de alcançar sua autonomia, e o resgate de sua humanidade.

No ano de 1964, em decorrência de seus ideais educacionais foi obrigado a abrir mão de seu país, de sua gente que tanto amava, teve sua prisão preventiva decretada no dia 29 setembro 1964, em seguida foi exilado com destino à Bolívia. Dá-

se início a uma vida de peregrinação, com o direito de cidadão negado pelo regime militar brasileiro, ficando sem passaporte até 1979 (ARAÚJO, 2018).

Chega ao Chile no dia 20 de novembro de 1964, sendo recebido por alguns brasileiros que o aguardavam por ele no aeroporto de Arica.

Aliviado por sentir-se fora de perigo da ditadura boliviana e por ter reencontrado o oxigênio numa cidade ao nível do mar como a sua, sem o ar rarefeito das montanhas, comentou: “Comecei a senti me gente novamente. Podia respirar e andar novamente sem arrastar os pés no chão” (ARAÚJO, 2018, p. 246).

Lá, Paulo Freire escreve algumas de suas obras como por exemplo: *Pedagogia do Oprimido*, além de ter aprimorado suas ideias em sua tese que de início chamava *Educação e Atualidade* no futuro passou a se chamar *Educação como Prática da Liberdade* e ainda muitas outras ideias por ele escritas que foram publicadas no Chile, e nos Estados Unidos (ARAÚJO, 2018).

As ideias do seu livro *Pedagogia do Oprimido* chegam de forma negativa ao governo chileno como ataque ao povo. Em decorrência das acusações, ele decide não publicá-lo no Chile como pretendia. Após ser acusado de ter escrito um livro contra o povo chileno, decide aceitar o convite feito pelos Estados Unidos para lecionar na Universidade de Harvard, bem como a possibilidade de trabalhar em consonância com o Conselho Mundial da Igrejas (ARAÚJO, 2018).

Com anseios chega aos Estados Unidos em sua terceira etapa de exílio e procura o consulado americano a fim de obter o visto de permanência no país, sendo surpreendido pelo cônsul norte-americano que ao fazer jus de suas atribuições faz inúmeros questionamentos à Paulo Freire, sobretudo ao seu passado, suas atribuições no campo da educação e sua simpatia pelo comunismo. Não obtendo o desfecho favorável, decide se mudar com a esposa Elza e seus dois filhos para Massachusetts, onde morou de abril de 1969 a fevereiro de 1970 (ARAÚJO, 2018).

Em sua quarta e última etapa de exílio, chega à Suíça no dia 14 de fevereiro de 1970, acreditando que lá teria a oportunidade de se integrar ao Conselho Mundial das Igrejas que lhe concederia possibilidades de “estudar e aprender” o mundo, promovendo a liberdade do educador. Durante dez anos, foi consultor especial do

Departamento de Educação deste Conselho com sede em Genebra. Lá, viveu até a data de 15 de junho de 1980, data esta que, já com o passaporte brasileiro, volta definitivamente para o Brasil (ARAÚJO, 2018).

Em 1980, Paulo Freire retorna ao Brasil. Segundo Araújo (1996), não como sonhava. Pois, em decorrência das condições políticas do país, não consegue se estabelecer em seu Estado - Pernambuco. Amparado pela lei de Anistia e pelo espírito democrático, ainda carregando as culpas de ex-exilado, parte para São Paulo com ajuda de alguns de seus estudantes consegue se sobressair tornando-se professor da Universidade de Campinas permanecendo lá até os anos de 1990.

Após quase dezesseis anos no exílio, no ano de 1991, torna-se secretário de Educação da cidade de São Paulo (ARAÚJO, 2018), onde permanece por dois anos e cinco meses.

Sua trajetória não se encerra aqui, pois acreditamos que Paulo Freire se mantém vivo em nossos corações. Vivemos em um mundo capitalista marcado por atos de violências, malvadezas que apequenina nossos sonhos, como ele própria dizia, no entanto, aprendemos na utopia de Freire que uma sociedade pode combater algumas das desigualdades sociais. E assim, encontrar possibilidades de avançar em busca de novos horizontes a partir do verbo esperar, do qual podemos exemplificar: a criação de práticas voltadas para a dialogicidade tendo como objetivos o despertar da curiosidade de ver o mundo se fazer novo.

Dessa forma, nota-se que é possível ver a práxis de Freire presente na atualidade, transformando sonhos em realidade, garantindo à humanidade a vocação ontológica de ser mais em prol da igualdade humana.

1.2 Paulo Freire: seu legado sob o olhar de outras vidas e autores

Para Gadotti (2001), Paulo Freire, na sua vida pessoal, foi uma pessoa serena e justa. Fazia questão de dar ênfase na esperança e passou sua vida se dedicando à libertação dos seres humanos. Sua calma penetrou na vida das pessoas transformando suas visões sobre a educação e até a data de hoje, não é difícil encontrar pessoas que se apropriam de seus pensamentos e direcionam suas

práticas, mantendo a memória de um homem íntegro, de comprometimento ético-político.

Conforme Gadotti (2001), uma das marcas de Paulo Freire era o gostar das pessoas e em suas relações como elas transmitia, sempre, solidariedade e respeito. Titulava seus escritos reafirmando seu pensamento voltado à esperança e à positividade. Como humano, irritava-se com questões diárias, mas não permitia que isso alcançasse os títulos de suas obras. Sua dedicação era, integralmente, voltada à transformação humana no que se refere ao desbloqueio intelectual.

Neste aspecto, o legado de Freire faz parte da inspiração dos educadores populares que vivenciam as lutas dos oprimidos em suas práticas cotidianas. Legado que pertence a todos que dele precisam para se inspirarem para o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas (GADOTTI, 2001).

Foi um dos educadores mais respeitados do século XX. Seu pensamento é defendido por um grupo de educadores que acreditam que sua teoria deve se manter viva. Neste sentido, sempre foi tratado como um educador que defendia e defende, porque seu pensamento continua vivo entre nós, o resgate do ser humano em sua plenitude. Resgate este, em que a prioridade dos aspectos sociais sobre os aspectos econômicos visa a aceitação do outro, por meio de uma educação transformadora, em que o ensino se dá a partir das trocas de experiências (GADOTTI, 2001).

Outro autor, Walter Kohan, que lançou, recentemente, uma biografia filosófica de Freire intitulada Paulo Freire Mais do que Nunca, enfatiza que Freire sempre defendeu a igualdade entre os e as educadoras com a ressalva de que ninguém é melhor que ninguém e que o processo educativo só acontece quando o educador e a educadora consegue ouvir seus e suas educandas. Este autor enfatiza a importância, em Paulo Freire, não apenas do ouvir, mas do respeitar o outro e da importância dos educadores neste processo.

[...] aceitar e respeitar a diferença é uma das condições para a escuta de outras e outros, pois quem considera que seu pensamento é o único certo, ou pensa que gramática dominante é a única aceitável, não escuta o outro: antes, o despreza ou destrata. [...] a humildade é uma virtude principal do educador, pois parte do pressuposto de que

alguém que se sinta superior jamais escutará o outro (KOHAN, 2019. p. 82).

Processo este que Paulo Freire descreve como uma escuta atenta em relação ao outro que se define como qualidades e virtudes que devem estar presentes nem todos e todas educadoras;

[...] qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto da alegria, gosto da vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça (FREIRE, 1996, p. 120).

Isto porque, para Freire (1996), o educador deve respeitar as diferenças, considerando que a escuta valoriza o outro. Logo, a arrogância impossibilita o processo educativo que deve se voltar para a emancipação de todo o ser humano. Processo este que descarta toda a falsa noção de superioridade de uns sobre os outros.

Seu conhecimento, voltado para as relações sociais, reflexões políticas, econômicas e morais fizeram com que suas contribuições fossem validadas universalmente. Por estarem ligadas às condições gnosiológicas da prática educativa que destaca a importância de adotar metodologias que firmam a ideia de que educar é ler, conhecer e ser capaz de transformar o mundo. Embora, acusado de propor metodologias não conteudistas, Paulo Freire, revela as críticas e firma seus ideais em um projeto político pedagógico voltado para libertação defendendo a educação como ato dialógico, rigoroso, intuitivo, imaginário e afetivo, de forma metódica que identifica que o ato de conhecer e de pensar está ligado ao outro, ligando a comunicação com o conhecimento (GADOTTI, 2001).

Gadotti (2001) destaca ainda que sua práxis não é abstrata. Ela está ligada às necessidades populares no que respeita ao trabalho e ao desejo do povo expostas muitas vezes em suas próprias expressões. Busca ainda respostas significativas para as necessidades humanas relacionadas à ecologia, saneamento básico, poluição, citando o sistema capitalista como principal responsável pela degradação ambiental. Vejamos como o autor discorre sobre isso:

A noção de ciência aberta às necessidades populares está ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença, etc. Seu método por isso não parte de categorias abstratas, mas dessa necessidade das pessoas, capturadas nas suas próprias expressões (valor da oralidade) e analisadas por ambos. educador e educando (GADOTTI, 2001, p. 79).

Continuando, para Gadotti (2001), Paulo Freire sempre valorizou as relações humanas. Estas, são significativas para manter o equilíbrio natural do planeta, pois, a forma como se valoriza as questões naturais que se referem à ecologia, interferem na vida humana de forma que os indivíduos desfrutem dos prazeres naturais de forma significativa. Neste aspecto, Freire defendia o diálogo entre educador e educando, uma vez que é este que proporciona visões das reais necessidades dos e das educandas. Necessidades estas, que são independentes das necessidades que as classes mais favorecidas oferecem ao afirmarem como essencial aquilo que satisfaz apenas seus interesses de poder.

O grande companheiro e amigo Gadotti (2001) ressalta a importância que Freire dava ao respeito humano como norteador de todas as relações entre as pessoas. Assim, ele afirma que o respeito, segundo Freire, deve estar ligado ao diálogo do qual permite o compartilhar da leitura de mundo da que faço, a depender da leitura de outras pessoas para que haja veracidade. O diálogo gera conflitos, mas só a partir dele que posso dar veracidade às minhas inquietações. A verdade não resulta da conformação do meu olhar. Ela resulta do diálogo-conflito com o olhar do outro. A conformação do meu olhar resulta nada mais em uma verdade ingênua, limitada. Ao compartilhar o conhecimento estou possibilitando o conflito entre os saberes a fim de chegar a uma verdade comum.

Para Kohan (2019), Freire defende que o ato de educar não é uma ação ou prática neutra. Ao contrário, a educação é um ato político. Ao se assumirem como educadores e educadoras, tais sujeitos estão assumindo uma defesa por determinados valores e posicionamentos. Trata-se de uma opção pela vida no coletivo, posicionando-se a favor ou contra esse mundo. Quando sonhamos, criticamos, dialogamos ou questionamos algo estamos expressando uma opção política.

Esse grande educador que trabalhou, incansavelmente, por uma educação libertadora, ressaltando sempre a igualdade, o respeito e a certeza que todos podem aprender se a este for dado a oportunidade, assim, se expressa:

Educar significa escutar, respeitar, considerar essas diferenças. Sem elas a vida seria muito menos vida. A igualdade de todas as vidas que fazem parte de uma prática educacional como seu princípio político é uma condição para que as diferenças sejam enriquecedoras e não aniquiladoras, numa direção politicamente adequada se a educação pretende contribuir para que essas existências desdobrem toda a vida que elas são e contêm (KOHAN, 2019, p.102).

O ato de educar para Freire, segundo Kohan (2019) implica que as e os educadores assumam a posição do amor. É nas relações educativas que se permite o nascer em um novo mundo, onde os sonhos ganham vidas para anular os pensamentos negativos. A ousadia deve substituir o medo porque o mundo se compõe de erros e acertos. Educar é proporcionar viagens e com ela viajar.

Paulo Freire, foi criticado pelos conteudistas iluministas por acreditar em uma educação voltada para a transformação do saber. Uma educação capaz de proporcionar novas atitudes ao educando a partir dos conhecimentos adquiridos no âmbito escolar. “Saber em educação e mudar de forma, criar a forma, formar-se. Educar-se e formar-se. Só muito recentemente os pedagogistas conseguiram entender essa nova visão da educação” (GADOTTI, 2001, p. 84).

Paulo Freire insistia, reinventando e aplicando metodologias nos círculos de cultura para explicar a importância das práticas em busca da transformação da visão clássica de aula (GADOTTI, 2001).

Sua dedicação e luta é por uma educação voltada para a emancipação e construção da autonomia do sujeito e equidade, para o exercício do poder político com domínio popular com objetivos de levar a civilização e conscientização da nação (ARAÚJO, 1996).

Gadotti (2001), evidencia em seu legado o sonho de que todos alcançassem tocar no seu “eu e nós” como prioridade social, entendendo que a educação pode ser responsável pela transformação dos sujeitos, partindo da compreensão que o

aprendizado parte das relações humanas que estabelece que, ao ensinar, também se aprende sob o pressuposto de que:

Dois projetos de sociedade fracassaram relativamente ao processo civilizatório: um porque privilegiou o eu, elitizando o nós; e outro porque privilegiou o nós, desconsiderando o eu. Neste novo século, confronta-se dois projetos antagônicos de sociedade: um subordina o social ao econômico e ao império do mercado; outro prioriza o social. Faz-se necessário construir um projeto de sociedades onde o ser humano seja resgatado em sua plenitude de eu e nós, com base na prioridade social sobre o econômico (GADOTTI, 2001, p. 18).

Ao internalizar estes conceitos, acredita-se que é possível, construir projetos pedagógicos capazes de revolucionar a educação, transformando velhos paradigmas e desenvolvendo caminhos que leva a conscientização do eu e nós, em conjunto sobre o econômico.

Para Araújo (1996), esposa de Paulo Freire que dedicou uma obra para evidenciar a visão de Paulo Freire sobre Educação, o grande autor, em suas obras, revela todo o seu pensamento e sentimentos sobre visão de mundo e educação e que a forma como ele lia e interpretava o mundo era autêntica. Procurava não deixar se levar pelas ideias já construídas por outros autores e mantinha sempre um pensamento para descrever sua interpretação da forma como ele via o mundo. Não se preocupava com números de obras, escrevia com calma expondo seu pensamento em fichas, pedaços de papéis, valorizando a ética e a política. Sem medo de se enganar, organizava seus escritos acreditando que possíveis enganos e erros faziam parte de um pensamento autônomo. Assim, ele criou para si uma metodologia que o ajudava na busca daquilo que considerava como verdade diante de suas próprias produções. Como gente e pensador gostava de estar inserido na história da humanidade se assumindo como pensador progressista.

Segundo essa autora, Paulo Freire constrói o seu conhecimento de forma que este possa trazer contribuições para fazer com que o ser humano volte a acreditar que é um ser dotado de possibilidades e de autotransformação. A partir do exercício de uma maturidade consciente, um ser capaz de desvendar o mundo, dando sentido aos acontecimentos diários (ARAÚJO, 1996).

Relata, também, se tratar de um teórico cujo pensamento durante toda sua vida se manteve sem rupturas. Amadurecia cada vez mais diante das grandes transformações sociais que o despertava a analisar a teoria dos fatos, recorrentes do crescimento tecnológico e das mudanças nos modos de produção e suas influências na ciência e na filosofia:

Assim, o que houve foi um crescimento cada vez maior e mais profundo de Paulo, diante de sua crescente sabedoria, na percepção e na clareza de ler o mundo; nas análises teóricas dos fatos e fenômenos histórico-sociais e no compromisso ético-político dele com todas as questões que atormentavam os homens e mulheres, sobretudo as que separam os seres humanos em Seres Menos e Seres Mais (ARAÚJO, 1996, p.433).

Araújo (1996), de forma leve e poética, chama a atenção para a clareza das ideias freireanas e da preocupação com a verdade, com a educação e, sobretudo, com a problemática das diferenças de classe vividas no Brasil e no mundo. Homem simples e de uma capacidade única de amar, dava espaço para a construção do seu próprio pensamento e conforme a autora:

[...] Aprendeu e recebeu influências do povo. Do que ele escutou do povo com quem dialogou ou escutou nas conversas informais em encontro educativo ou mesmo do que ouviu dele na televisão. Sua literatura está “molhada” dessas influências perceptíveis a quem lê a sua obra, ouviu-o falar ou conviveu com ele (ARAÚJO, 1996, p. 400).

Reafirma o que outros autores já dizem sobre Paulo Freire, em relação à sua abertura ao diálogo e valorização do ouvir desde as conversas informais aos mais importantes encontros educativos.

1.3 Paulo Freire: obras e produções teóricas

Conforme Araújo (1996), em busca de seu amadurecimento intelectual, Paulo Freire leu inúmeros livros de diferentes autores em sua maioria estrangeiros que se referiam a temas como: “antropologia, linguística, filosofia, literatura, gramática, história e educação”. Para a autora, foi lendo estes e outros temas que ele chegara à

conclusão de que havia uma leitura de mundo construída como bela, que contradizia as suas experiências vividas enquanto criança e posteriormente educador.

Para Freire, segundo Araújo (1996), o objetivo da leitura na vida das pessoas era que a mesma pudesse proporcionar aos leitores oportunidades de lerem o mundo e assim propiciar-lhes condições de o transformarem para que se tornasse um lugar mais belo, democrático e justo. Em seus textos, é perceptível sua forma de ser, sua coragem e determinação para expressar uma autêntica leitura de mundo de modo a valorizar a razão/emoção como elementos fundamentais para uma linguagem consciente.

Paulo Freire usava pedaços de papéis para registrar suas ideias, e só então quando havia escritos diversas delas em diversos idiomas, sentava-se em sua poltrona e com delicadeza refletia e passava a limpo analisando se estava coeso, completo, conforme sua ideia. Para ele, o cuidado de pensar/escrever fazia parte de seus cuidados habituais (ARAÚJO, 1996).

Usando pedaços de papéis ou não, é vasta a produção teórica de Freire e a partir daqui, baseados na obra Paulo Freire: uma história de vida da sua esposa, a educadora Ana Maria Araújo Freire, relataremos o processo de construção e produção teórica deste importante autor e algumas informações sobre algumas obras.

Foi durante o exílio no Chile que Paulo Freire escreveu seu primeiro livro inspirado em sua tese acadêmica defendida no ano de 1959 no Recife. O livro recebeu como título “Educação como prática da liberdade”. Livro composto por quatro capítulos trazia em sua primeira edição reproduções de telas de Francisco Brennand, sendo estas confiadas ao trabalho do pintor Vicente de Abreu. Esta edição também conta com o poema: Canção para os fonemas da alegria do escritor Thiago de Mello. No Chile, segundo Araújo (1996), Paulo Freire começa uma de suas mais preciosas obras intituladas como Pedagogia do Oprimido. A obra foi planejada mentalmente pelo autor por mais de um ano. Após este período, Paulo Freire decide no ano de 1967 começar os escritos, concluindo os três primeiros capítulos em apenas quinze dias. O quarto e último capítulo exigiu de Paulo Freire meses de trabalhos para organizar suas ideias de acordo com seus estudos no que se refere a teoria política. Sendo este concluído com muito esforço no ano de 1968.

Os militares de extrema direita temiam a publicação deste livro fazendo com que Paulo Freire realizasse uma cópia de seu manuscrito e entregasse aos cuidados de Jacques Chonchol que o levou para França, tendo ficado ali guardado consigo (KOHAN, 2019).

Obra esta que, somente será publicada pelo próprio Paulo Freire, nos Estados Unidos, no ano de 1970. Neste mesmo ano, com auxílio de Jean Ziegler, amigo de Freire, cópias originais de Pedagogia do Oprimido chegaram ao Brasil. Em 1974, com coragem e determinação, Fernando Gasparin, por meio da editora Paz e Terra enfrentaram o regime militar e o publicaram, pela primeira vez, na versão brasileira (ARAÚJO, 1996).

Com o intuito de contribuir com o Instituto de Capacitación e Investigación Reforma Agrária (Icira), nasce mais uma obra de Paulo Freire publicada em espanhol no ano de 1969, trazendo em seu contexto reflexões do trabalho agrônomo tendo como título: Extensão ou Comunicação? O objetivo maior da obra é ressaltar sua função de comunicação junto aos camponeses.

No prefácio deste livro Jacques Chonchol informa que Paulo Freire trabalha com o conceito de “extensão” como aquele que:

[...] engloba ações que transformam o camponês em “coisa”, objeto de planos de desenvolvimento que o negam como ser da transformação do mundo. O mesmo conceito substitui sua educação pela propaganda que vem de um mundo cultural alheio, não lhe permitindo ser mais que isso e pretendendo fazer dele um depósito que receba mecanicamente aquilo que o homem “superior” (o técnico) acha que o camponês deve aceitar para ser “moderno”, da mesma forma que o homem “superior” é moderno (CHONCHOL, 1968, p. 7).

Este livro, conforme Araújo (1996), chega ao Brasil um ano após sua primeira publicação. A obra é dividida em três capítulos trazendo em seu contexto argumentos destinados os agrônomos a terem pensamentos críticos que pudessem levá-los a entender o meio rural, tornando cidadãos do bem capazes de substituir práticas bancárias pelo diálogo. Nesta obra Paulo Freire trabalha em favor do trabalhador do campo acreditando em uma educação para a libertação.

De acordo com Araújo (1996) os escritos de Paulo Freire entre os anos de 1968 a 1974 com traduções em inglês e espanhol usados em seus seminários foram agrupados se tornando a obra Ação cultural para Libertação. No ato de sua publicação no Brasil por intermédio de Fernando Gasparin passa a se chamar Ação Cultural para a Liberdade. As mais profundas reflexões de Paulo Freire sobre Teologia da Libertação estão presentes neste livro.

Outra obra Freireana é Cartas a Guiné- Bissau. Nesta obra são expostas cartas escritas ao comissário de educação e a coordenação dos trabalhos de alfabetização da Guiné- Bissau. A obra é composta por dezessete cartas destinadas a Mário Cabral datadas entre os anos de 1975 a 1976. Nelas, Paulo Freire faz contribuições e referências ao processo de colonialismo vivido, mais especificamente, de Guiné- Bissau, por onde ele andou em seu período de exílio.

Paulo Freire marca seu retorno do exílio ao escrever quatro ensaios, publicados no ano de 1979 como Educação e Mudança. Nesta obra Paulo Freire retoma como principal tema a conscientização. Outra obra de Freire é Conscientização: Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tal obra é composta por três partes que expressam o pensamento de Paulo Freire no que se refere a alfabetização, conscientização e libertação.

Em 1987 outra obra - A importância do Ato de Ler - é lançada. Paulo Freire compartilha nesta obra seus anseios e métodos desenvolvidos durante os trabalhos de alfabetização e pós alfabetização de São Tomé e Príncipe. Por meio dela o autor recebeu o “Diploma de Mérito Internacional” da Associação Internacional de Leitura em Estocolmo, Suécia, em julho de 1990.

Nos primeiros meses que Paulo Freire assumiu a Secretaria de Educação do Município de São Paulo, ele decidiu compartilhar os sonhos advindos da equipe relatando o que foi possível e que não foi possível fazer. Tal compartilhamento está presente na obra “A Educação na Cidade”.

Outra obra, “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido” foi lançada no ano 1992. A obra foi organizada de forma simples em textos corridos, sem a necessidade de divisão de capítulos, apenas com o objetivo de explicar os apontamentos feministas quanto à obra Pedagogia do Oprimido. Por conta

desta obra, Paulo Freire sofreu diversas acusações de machismo ao usar o termo Homem para direcionar aos seres humanos. Em contrapartida, no ano de 1992 na cidade do Rio de Janeiro em comum acordo com a editora Paz e Terra, Paulo Freire decide que todos os seus manuscritos e novas edições de suas obras o termo homem fossem substituídos por homem e mulher. O livro *Pedagogia da Esperança* chega, de acordo com Araújo (1996), com o amadurecimento do pensamento Freireano que, com clareza, demonstra mais uma vez, sua paixão e esperança pelas pessoas.

No ano de 2012 é lançado o livro: *Política e Educação*. Nele consta onze ensaios, em sua maioria elaborados no ano de 1992 que retratam as funções pedagógicas e o que elas refletem na educação de adultos, e como a alfabetização contribui para a formação da cidadania, dos direitos, deveres e de serem parte integrante do mundo.

Na obra *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*, Paulo Freire retoma as sofridas lembranças familiares vividas nos anos de 1930, e tenta responder às inquietações de sua sobrinha Cristina. Nesta obra, o autor, com ousadia, reconstrói sua história de vida.

A obra *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* foi lançada no ano de 1993. Paulo Freire se dedica à escrita deste livro logo após ter escrito, *Pedagogia da Esperança*. Sua linguagem é expressa de forma simples contextualizando a ideologia afetiva de forma a valorizar as competências profissionais e políticas dos educadores. Há também, o livro *À Sombra desta Mangueira*. Nele, Paulo Freire busca um maior aprofundamento sobre aquilo que desrespeita a gestão democrática, a alegria, a dialogicidade, a esperança, entre outros temas já abordados em suas obras anteriores.

Conforme Araújo (1996), Paulo Freire sempre foi um acadêmico, um professor e destinava a maior parte de sua vida aos seus escritos. No entanto, no ano de 1989 Paulo Freire recebe o convite feito pela então prefeita de São Paulo Luiza Erundina de Sousa para ocupar o cargo de Secretário de Educação do Estado de São Paulo, sendo aceito por ele em gratidão pela acolhida ao retornar do exílio. Aos 67 anos decide recomeçar mesmo contrariando seu desejo de ficar em casa escrevendo e curtindo a vida. Durante dois anos ocupando o cargo desenvolveu diversos trabalhos,

tendo como destaque a realização do I Congresso de Alfabetizandos na data de 16 de dezembro de 1990 organizado pelo Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) e pelo Programa de Educação de Adultos da Diretoria de Orientação Técnica (EDA-DOT), órgãos da SMED/SP, em colaboração com o Fórum dos Movimentos Populares de Alfabetização da Cidade de São Paulo, integrado por 57 entidades. O congresso teve como objetivo aprofundar debates entre analfabetismo e alfabetizandos bem como apresentar os trabalhos realizados pelos alfabetizandos do MOVA e do ED.

Em maio de 1991 deixa o cargo sob a direção de Mario Sergio Cortella e passa a dedicar sua vida aos seus escritos. Araújo (1996), surge nesse contexto o livro *Pedagogia da Autonomia*, lançado em 10 de abril de 1997. Nesta obra que foi a última a ser lançada por ele em vida, Freire expressa seu pensamento progressista fundamentando numa prática docente libertadora e evidencia proposições de uma atuação pedagógica e docente que se volta a construir a autonomia dos educandos.

Após a morte de Paulo Freire, sua esposa Ana Maria Araújo, publica alguns de seus escritos ainda inacabados deixados sobre sua mesa de trabalho. Dentre estes, o livro *Pedagogia da Indignação*, onde Paulo Freire, deixa em seus escritos uma enorme indignação pela falta de ética humana para com os do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Das vinte e nove páginas desse manuscrito, ele reforça sua indignação na última página no que escreve: “[...] Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros[...].” (ARAÚJO, 1996, p. 457).

Ele ressalta ainda a relevância do papel da família, no educar seus filhos dentro da imposição de limites para que quando adultos não se tornem sujeitos disciplinados pela própria vontade, destaca também os sonhos do MST e elogia sua força e coragem.

Um segundo livro, dos manuscritos deixados por Freire, intitulado: *Pedagogia dos Sonhos Possíveis* foi publicado no ano de 2001. Nestes manuscritos, Paulo Freire trazia uma continuidade do pensamento expresso no livro *À Sombra da Mangueira*. Ele reforça o que mais gostava de escrever que era sobre a educação libertadora,

dialógica e política e ainda levanta uma crítica ao fatalismo neoliberal que faz com que homens e mulheres deixem facilmente de acreditar em seus sonhos.

Outro livro póstumo de Freire é *Pedagogia da Tolerância*. Parte do manuscrito deste livro foi datado do ano de 1971. Acredita-se que Paulo Freire não veio a publicar este livro por notar que um de seus textos abordados dava ênfase na conscientização humana e na época esse termo estava à mercê de críticas.

Ana Maria Araújo mais uma vez, reúne os manuscritos de Paulo Freire, escritos entre os anos de 1989 a 1986 e publica no ano de 2008, outra obra que tem como título: *Pedagogia do Compromisso*. Nesta obra, ele aborda a educação voltada para a transformação social. Aborda sobre o analfabetismo e a formação dos educadores.

Estas são as obras mais importantes de Paulo Freire, porém, tão importante como todos estes escritos estão outros deste importante educador brasileiro que foram escritos em conjunto com outros autores ou não foram publicados como livros.

1.4 Paulo Freire: pensamento e teoria sobre Educação.

De acordo com Gadotti (2001) para Paulo Freire, a educação resulta em uma ação cultural que parte da palavra que pode levar o sujeito a ser menosprezado ou reconhecido. A educação libertadora preza pela palavra autêntica, expressada a partir do sujeito não como mera repetição e sim criticidades da realidade.

Embora a educação sozinha não transforme a realidade do oprimido, ela tem um papel fundamental para conscientizar e libertar os oprimidos do opressor. Paulo Freire acreditava que uma educação transformadora romperia as desigualdades sociais a partir da ideia de libertação, e que o oprimido que antes sentia complexo de inferioridade passa a ser autor de sua própria história desmascarando assim, o processo desumanizador que vinha de uma educação bancária caracterizada pelo processo desumanizado, marcado pela divisão do povo vindas das classes mais ricas para manter seus próprios interesses (GADOTTI, 2001).

Fundamentando sua teoria na concepção de que a palavra vai ao encontro do outro a partir do diálogo em que o indivíduo se torna criador e sujeito. O diálogo, deve ocorrer a partir de uma consciência crítica da realidade para que haja superação de

conflitos entre os opressores. Não considera que o diálogo é um simples encontro entre dois ou mais sujeitos, pois é nele que se busca o significado das coisas. O diálogo promove a transformação dos indivíduos, mas para isso cabe aos educadores transferirem seus saberes voltados para uma educação problematizadora visando a participação dialógica que valorize os conhecimentos prévios do e da educanda (GADOTTI, 2001).

Seu pensamento sempre esteve ligado à luta, às relações sociais e as reflexões políticas, econômicas e morais voltadas para a transformação da humanidade (GADOTTI, 2001).

Ele pensa a educação ao mesmo tempo como ato político, como ato de conhecimento e como ato criador. Todo seu pensamento tem uma relação direta com a realidade. Essa é a sua marca. Ele não se comprometeu com esquemas burocráticos, sejam eles do poder político, seja do poder acadêmico. Comprometeu-se acima de tudo, com a realidade a ser transformada (GADOTTI, 2001, p. 55).

Entende-se que a educação proporciona vias duplas de conhecimento de forma que o educador o ensina também aprende. O educador não é a fonte de saberes e os educandos não são uma tábula rasa. A concepção educativa está baseada na liberdade, “da realidade opressiva e da injustiça” que os tornam sujeitos autônomos, reconhecidos como criadores de sua própria história (GADOTTI, 2001).

Reconhecido como dono de um pensamento transdisciplinar e transversal por não considerar a sala de aula como meras paredes, criou o “círculo de cultura” para demonstrar que a educação e o processo de ensino podem acontecer em diferentes espaços. Desde as mídias às mais variadas formas de comunicação, ou seja: a educação se dá desde a sala de aula alcançando cidades e o planeta como um todo, se fazendo necessário apostar em uma gestão coletiva do conhecimento social (GADOTTI, 2001).

Para Freire (1987), a vocação humana é voltada para ser mais. No entanto, é preciso que estes tenham consciência do seu inacabamento e que o processo de humanização parte das relações com outros seres. A espécie humana vive na busca constante de ser mais, ou seja, busca incansavelmente conhecer a si mesmo, ser

melhor intelectualmente etc. No entanto Paulo Freire ressalta que os seres inconscientes de seu inacabamento procuram ser mais com discurso anti pedagógico voltado ao adestramento, também podendo ser chamado de processo de desumanização.

Em seu escrito nota-se que atende diversos públicos, atravessando fronteiras e passou por diversas academias sendo seguido por uma ação transformadora. O foco de seus pensamentos é direcionado para educadores, para estudantes, pais e mães, operários, camponeses e outros, demonstrando a importância da educação para a transformação dos sujeitos idealizando os paradigmas da educação popular se destacando em uma pedagogia comprometida com a autonomia do aluno, acreditando em uma educação emancipadora reconhecendo, antes de tudo, o saber popular (GADOTTI, 2001).

Considerada como uma de suas principais obras, segundo Gadotti (2001), o livro Pedagogia do Oprimido começa a ser escrito em 1968 enquanto Paulo Freire ainda se encontrava exilado no Chile. O livro traz conceitos de uma “educação bancária”, resultando do autoritarismo e antidialógica que mantém o professor no centro do saber. Em contrapartida, ele faz opção por princípios de uma teoria de educação libertadora que levam o homem e a mulher a se tornarem sujeitos de sua própria história.

Segundo Gadotti (2001), a obra Pedagogia do Oprimido tem como principal objetivo esclarecer a realidade da classe opressora, tornando o homem e a mulher consciente da situação em que vive e que valorize as lutas pelas transformações a fim de se tornarem sujeitos libertos da classe opressora. Em outras palavras, poderíamos definir que a pedagogia do oprimido, traz conceitos precisos para que os sujeitos reflitam em sua condição de vida e passe a lutar por suas ideias de forma crítica libertando-se do opressor.

É preciso que o oprimido busque transformações sociais para que a sociedade se torne mais humanizada. Deve partir do oprimido ser o restaurador das relações humanizadas se iniciando da ideia de libertação, absorvendo das classes mais abastadas somente o que é bom, e se libertando do complexo de inferioridade ou autodesvalia. O processo não se dá de mero ativismo, é necessário reflexão no que

diz respeito aos conteúdos das culturas promovidas pelas elites, e reconhecer que a educação bancária desfavorece o processo de humanização, e causa a permanência da opressão sobre os menos favorecidos (FREIRE, 1987).

O pensamento de Paulo Freire se volta para uma crença na educação como de suma relevância para o sujeito. Um legado para o futuro. Educação esta que ocorre em todos os espaços da vida social. Tanto nos espaços formais como nos espaços informais da vida. Em relação à escola, Freire a enxerga como espaço de múltiplas relações e não limitado.

Freire entende a educação como o centro do poder de transformação, libertação da humanidade sendo está dividida em dois grupos distintos: Educação promovida por educadores que visam o depósito de conhecimentos de forma mecanizada e outra voltada para a dialogicidade, onde os educadores permitem ensinar e aprender pela mediação do mundo. A segunda, trata-se do modelo educacional idealizado por Paulo Freire que promove aos oprimidos oportunidades de se tornarem seres conscientes por meio de uma educação dialógica e problematizadora (KOHAN, 2019).

[...] Em uma educação problematizadora, o conhecimento que importa não é nem o do educador nem o do educando, mas o que é criado entre um e outro através de um engajamento dialético de todos em sua leitura comum do mundo (KOHAN, 2019, p. 231).

Paulo Freire descreve a educação como um ato político capaz de libertar os indivíduos. Para ele, a educação é libertadora porque acredita que um ensino voltado para o diálogo, ação reflexiva, criticidade levam os indivíduos a serem sujeitos de sua própria história tomada de consciência para si. Define ainda que [...] “ensinar e aprender são atos políticos e não podem ser compreendidos apenas com uma definição técnica ou pedagógica” (KOHAN, 2019, p. 230).

Ao desenvolver o seu método, chamado “Método Paulo Freire”, quis fugir de que seu conhecimento fosse definido como uma metodologia, decide ir além de suas intuições e busca então, afastar-se das palavras sugeridas pelos tecnicistas a fim de explicar que seu pensamento ia além de uma metodologia, sendo este constituído por quatro importantes passos em seu contexto epistemológico. O principal conceito de

seu pensamento seria que o indivíduo pudesse se apropriar do conhecimento tornando capaz de realizar a leitura de mundo a partir da curiosidade, com uso das palavras geradoras por eles já conhecidas - o que os levaria ao início da conquista da autonomia. Vejamos o que escreve Gadotti (2001, p. 82):

Em seu último livro, Paulo Freire insistia, ainda, na autonomia do aluno. Dos primeiros aos seus últimos escritos procurou dar dignidade ao aprendiz, respeitando a dignidade do aprendiz. Ele não humilhava ninguém, não considerava o educador superior ao educando. Para ele, jamais um educador poderia ser arrogante.

Paulo Freire em sua teoria enfatiza que o educador não deve ser como mero depositário de conteúdos que visa apenas a memorização e não o pensar crítico, processo este que anula o potencial do e da educanda. Ele defende o processo educacional que proporcione aos seus educandos o pensar crítico, que parta do diálogo e que respeite os conhecimentos prévios dos e das educandas, entendendo que ao mesmo tempo que o professor ensina, ele, também, aprende. Ao ceder oportunidade para o diálogo problematizador ocorre a troca de experiência entre ambos envolvidos no processo educativo (GADOTTI, 2001).

Para ele, o educador arrogante desrespeita o aluno e faz parte da lógica intelectual da direita e não poderia ser assim. Fazer parte da esquerda da qual busca a valorização do e da educanda, respeitando sua dignidade em seus diferentes contextos deveria ser o papel do educador crítico, comprometido com a transformação social que se quer ver no mundo (GADOTTI, 2001).

O papel do educador para Freire (1996) deve focar a capacidade crítica do educando para que este se aproprie da liberdade de expressão compreendendo sua individualidade, não sendo este sujeito da autonomia de ninguém.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis (FREIRE, 1996, p.26).

Segundo Paulo Freire (1996), precisamos estar pautados em princípios que norteiam nossa prática docente, entendendo o educando como ser participativo no processo de conhecimento. Todos os dias adquirimos conhecimentos de algo novo, ou seja, o conhecimento nunca está pronto e o educador precisa reconhecer que somos seres inacabados. O processo formador não define o sujeito como dono do saber. O conhecimento é inacabado, e exige do e da educadora o ensinar, aprender e pesquisar constantemente.

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e se re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos. (FREIRE, 1996, p.23).

O educador ao ensinar também está aprendendo, e este deve reconhecer o educando/a como ser social, e as características do lugar onde vive, valorizando suas experiências vivenciadas fora da escola de forma que leve o despertar da curiosidade crítica e tentar fazer com que o educando relacione o conteúdo proposto com os já adquiridos a partir das relações sociais e encontre razões para buscar cada vez mais sentido naquilo que está estudando. Assim, o educador cria possibilidades para o educando/a ampliar seus saberes a partir da curiosidade espontânea que ao passar pelo processo da ação reflexiva possa opinar, fazer, e assumir enquanto sujeitos participantes do processo educativo (FREIRE, 1996).

Para Freire (1996), a ética do ser humano precisa se voltar contra a discriminação de classe, gênero e raça, de forma que conceda espaço à prática educativa pautada no diálogo, no respeito e no reconhecimento à todas as pessoas. Caso contrário, transforma-se em ensino tradicional que desvaloriza as experiências vividas pelo educando, cujo educador é denominado o dono do saber. Assim, o pensar certo para Paulo Freire,

[...] coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos sobre tudo das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária- mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses

saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996, p.30).

O alerta de Paulo Freire (1996), se dirige aos educadores quanto ao respeito aos conhecimentos prévios dos educandos principalmente das classes populares. A arrogância do educador deve ser desconstruída para que a sabedoria trazida pelos educandos faça parte dos conteúdos propostos em sala de aula.

Cabe ao educador contribuir para o processo de descontinuidade do reprodutivismo. Paulo Freire (1987) afirma que os educadores tem possibilidades de revolucionar este processo levando os e as educandas a formarem uma consciência crítica daquilo que está estudando, contribuindo assim, para que este desenvolva suas capacidades de reflexão crítica de outros contextos da sociedade.

A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relação em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa (FREIRE, 1987, p. 70).

É fundamental a troca de experiências, através do processo mediador entre educador/ar e educados/as para que haja, um confronto entre os saberes de mundo do educando e os saberes do educador proporcionando e valorizando o diálogo entendendo que o aluno não é uma tabula rasa e o educador não é o centro do saber. O homem, é um ser inacabado e vive em constante transformações. A partir do diálogo o educador desconstrói os conceitos das elites, colabora com a união e transforma a forma de como enxergamos o mundo (FREIRE, 1987).

Segundo Paulo Freire (1987), a educação bancária desvaloriza o conhecimento prévio do educando e impõe sobre eles o conformismo de suas ideias, inibindo seu poder criador. A educação libertadora se refere a problematização autêntica, dialógica e reflexiva que permite o desvelamento da realidade que resulta na imersão crítica.

O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta alienados, ter este poder prejudicado (FREIRE, 1987, p. 81).

A educação não é um ato pedagógico e sim um ato político que vai além da sala de aula e tudo que construímos em grupo possibilita a transformação da cultura social. A educação enquanto ato político visa levar aos excluídos da sociedade a consciência da realidade de forma a entender o sentido da luta por seus direitos e a superação das ações postas pelas classes opressoras.

O oprimido não deve tornar-se um opressor e sim, criar uma conscientização onde o opressor saia da condição de opressor para que todos possam caminhar juntos (FREIRE, 1987).

Comprometido com a vida, valorizava a existência e entendia a educação como processo de humanização. Para ele, a educação é libertadora, sendo esta capaz de promover aos indivíduos condições de se reconhecerem como sujeitos autores de sua própria história. Embora o mundo moderno promova propostas educacionais para fins de seus próprios interesses, acredita-se que a escola pode promover caminhos que sejam capazes de despertar os e as educandas a reflexão para transformação (FREIRE, 1987).

A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido Prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica (FREIRE, 1987, p.5).

Para Paulo Freire, o processo educativo deve ser centrado no educando, de forma que o educador seja o agente promovedor de possibilidades para sua própria construção. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Sua maior preocupação é promover à sociedade um despertar do próprio pensamento que permita se redescobrir não partindo de um método específico de ensino, mas sim, de aprendizagem, de uma reflexão dialógica e crítica mapeando a realidade, reconhecendo seus desejos e resgatando a capacidade de sonhar. Ou seja, “[...] a pedagogia aceita a sugestão da antropologia: impõe -se pensar e viver” (FREIRE, 1987, p. 9). Um viver livre que seja autônomo, em que os e as educandas

sejam capazes de dizerem as suas próprias palavras, com independência e autodeterminação.

2. COMPREENDEENDO O CONCEITO DE AUTONOMIA EM PAULO FREIRE

Paulo Freire define os seres humanos, como seres projetados para avançar. E neste aspecto, existem valores a serem cultivados para que estes proporcionem aos indivíduos oportunidades para tal. De acordo com Freire (1996, 1987), é preciso ter certeza do nosso inacabamento, pois será isto que nos levará a querer sempre aprender mais e a ter certeza que ainda não sabemos tudo da vida e, desta forma, estarmos prontos e dispostos a aprender mais.

A partir desta concepção ontológica de ser humano como ser livre e independente, projetados para ser mais é que buscaremos neste capítulo discutir sobre o conceito de autonomia a fim de, no todo deste trabalho, apontar como os e as educadoras podem contribuir para desenvolver o sentido de liberdade em seus educandos e educandas. Buscaremos assim, refletir sobre o significado da palavra, seu uso para Freire e o que este compreende por autonomia.

2.1. Refletindo sobre o significado de autonomia

O significado do termo autonomia no dicionário, Antônio Houaiss no Dicionário da Língua Portuguesa nos informa que a autonomia representa “a capacidade de governar a si próprio” e, também, a “independência moral ou intelectual” do ser. Sobre Ser autônomo, o mesmo dicionário nos informa que seria aquele indivíduo “[...] que se governa”, “capaz de determinar as próprias normas de conduta, sem imposições” (HOUAISS, 2008, p. 78).

O Dicionário Aurélio, informa como significado para o termo, a “faculdade de se governar por si mesmo”. Como Ser autônomo aponta para aquele “[...] que tem, ou em que há autonomia, que não depende de outro” (AURÉLIO, 2010, p. 81).

Martins destaca que a perspectiva de autonomia como capacidade de se auto governar “[...] remonta ao processo dialógico de ensinar contido na filosofia grega, que preconizava a capacidade do educando de buscar resposta às suas próprias perguntas, exercitando, portanto, sua formação autônoma” (MARTINS, 2002, p. 224).

Gadotti (1997, p. 17) reafirma tal conceito ao tratar a autonomia como "a capacidade de decidir-se, de tomar o próprio destino nas suas mãos". E é desta forma que informa que Freire chama a atenção para o imperativo histórico e humano de se comprometer com uma lógica em que tal conceito não seja o da lógica do mercado. Do mesmo modo informa o papel da educação no pensar uma sociedade democrática, capaz de controlar o seu próprio desenvolvimento:

[...] Paulo Freire era também um ser humano esperançoso. Não por teimosia, mas por "imperativo histórico e existencial", afirma no seu livro *Pedagogia da esperança*. Além da esperança cultivou a autonomia. Autonomia é a capacidade de decidir-se, de tomar o próprio destino nas suas mãos. Diante de uma economia de mercado que invade todas as esferas de nossa vida, precisamos lutar - também através da educação - para criar na sociedade civil a capacidade de governar e controlar o desenvolvimento (alternativa ao socialismo autoritário). Paulo Freire tinha um verdadeiro gosto pela democracia. Ele sempre a tratava com carinho (GADOTTI, 1997, p.17).

Ao buscarem refletir sobre este termo na Educação, Psicólogos, Maia Filho, Chaves e Seixas (2018) em artigo intitulado "Por uma Educação para a Autonomia", afirmam que a autonomia é um assunto que vem sendo estudado há muitos anos por filósofos clássicos aos mais renascentistas e concluem que a autonomia pode ser entendida em diferentes contextos a depender das diversas áreas do conhecimento. De uma maneira em geral, chamam a atenção para aquele significado que a compreende como o poder de uma pessoa decidir por si só, ou seja, sem a necessidade de intervenção de uma autoridade externa. Afirmam que os sujeitos por meio da educação, ao interagir com o meio educacional, podem desenvolver espaço e momentos de autorreflexão de suas ações, conhecendo-as e com elas se transformando e se constituindo em sujeitos autônomos.

A educadora Edna de Oliveira (1996), ao prefaciando o livro *Pedagogia da Autonomia* evidencia que a categoria autonomia traz em si um discurso ideológico incorporado pelo ideário neoliberal em que se estimula o individualismo e a competitividade como sendo consequência natural do ser autônomo. Oposto a esse pensamento, a autora chama a atenção para o pensamento Freireano, presente em todo livro, que é o de se trabalhar pela autonomia do sujeito, na contramão deste

ideário neoliberal. Uma autonomia que venha em oposição à lógica do mercado promovendo a ética universal dos seres humanos com valores baseados na solidariedade entre as pessoas. Vejamos o que a autora escreve:

Nesse contexto em que o ideário neoliberal incorpora, dentre outras, a categoria da autonomia, é preciso também atentar para a força de seu discurso ideológico e para as inversões que pode operar no pensamento e na prática pedagógica ao estimular o individualismo e a competitividade. Como contraponto, denunciando o mal-estar que vem sendo produzido pela ética do mercado, Freire, anuncia a solidariedade enquanto compromisso histórico de homens e mulheres, como uma das formas de luta capazes de promover e instaurar a “ética universal do ser humano”. Essa dimensão utópica tem na pedagogia da autonomia uma de suas possibilidades (OLIVEIRA, 1996, p. 11).

Nestes termos, de uma autonomia voltada para a educação no contexto neoliberal tem-se levantado diversos debates no campo educacional, visto que, na antiguidade, a filosofia grega pregava um modelo de educação libertária que fosse voltada à construção do ser autônomo a partir de sua simples participação no processo de ensino aprendizagem a favor das lutas sociais.

Concordando que, a “[...] livre expressão das crianças que passariam a ser o centro do processo de ensino e da escola, reconhecidas como seres originais em sua individualidade”, mas, a estes não seria concedido o direito de opinar ou contestar (MARTINS 2002, p. 225).

Muito deve ser feito no campo educacional. Para Martins (2002), é relevante a escola assumir seu papel enquanto facilitadora do processo para a conquista da autonomia do ser do educando promovendo debates com os educadores a fim que estes se integrem sobre o assunto, entendendo a importância do seu papel para a promoção da autonomia. “Como elucidou o próprio documento da Unesco (1981), os fins sociais da educação estão determinados, trata-se, portanto, de indagar, agora, a quais interesses serve o processo recente de ressignificação da autonomia escolar” (MARTINS, 2002, p. 23). Ou seja, os fins da educação devem servir a educação de um educando que seja autônomo.

2.2. O que é Autonomia para Paulo Freire

Dentre os educadores que lutam em prol da construção de seres autônomos, com certeza, Paulo Freire se destaca. Em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996), traz alguns conceitos da sua práxis no que se refere a autonomia, atribuindo aos educandos a responsabilidade de se assumirem como sujeitos participantes da realidade em que vivem: “[...] afinal, minha presença no mundo não é a de quem apenas se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História” (FREIRE, 1996, p. 54). Assim, podemos dizer que o sujeito autônomo é aquele que contribui ativamente para o seu próprio processo de aprendizagem, com liberdade de pensamento e ação. Ou seja, aquele indivíduo que traz para o espaço escolar suas vivências para que junto com o/a educador/ar construa relações favoráveis para o seu processo de transformação.

Sá e Duarte (2020) explicam que Freire define autonomia como parte fundamental na ação pedagógica uma vez que ela contempla uma pedagogia verdadeiramente incorporada na veracidade do contexto educacional. Em outras palavras, para este autor, podemos definir que a autonomia consiste na ação educativa fundamentada em princípios norteadores da teoria e prática.

O pensamento de Freire está fundamentado na busca e no sonho de inovar as práticas pedagógicas para que estas sejam voltadas para o despertar da consciência crítica de tal forma a levar à transformação do homem e do mundo. Segundo os autores citados, a ação pedagógica é responsável por levar os sujeitos à conscientização em sua totalidade, uma vez, que fundamenta sua prática na valorização do ser do educando, e na sua libertação.

Ao concluir, a autonomia como parte integrante do processo educacional, Freire (1996) chama atenção para que os e as educadoras neguem a cultura autoritária inserida nas escolas, pois ela neutraliza a aprendizagem como busca pela autonomia baseada no ensinar e aprender. A ação pedagógica precisa ser o meio provedor de princípios éticos, valorizando o fazer pedagógico e político para a construção de uma sociedade mais humanizada. Uma pedagogia da autonomia, que coloca o educando como protagonista de sua vida e processo educativo. Educadores estes que,

respeitando uma base teórica democrática, devem abrir espaço para a solidariedade e o respeito que fazem do ato de educar, o mais completo e humanizado possível. Desse modo, o educador contribui para a construção da autonomia dos educandos afastando-os do discurso neoliberal que promove a desumanização. Diante desse contexto acredita-se que os sujeitos sejam capazes de alcançar sua autonomia para mudar de lugar.

Não basta que os e as educandas estejam só inseridos no processo de ensino-aprendizado. É necessário, porém, que na prática educativa estes também sejam levados à ação-reflexão, sejam ativos participantes, onde podem opinar, decidir por si próprio, problematizar suas experiências. Desse modo Freire explica que:

[...] sempre lhe pareceu, dentro das condições históricas de sua sociedade, inadiável e indispensável uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de auto-reflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço.[...] Auto-reflexão que as levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras (FREIRE, 1967, p. 36).

Como podemos perceber, no processo de construção da autonomia, tanto do ser do educador, quanto no ser do educando, o processo de reflexão e auto-reflexão para Paulo Freire é fundamental. É assim que na obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), Freire anuncia reflexões sobre como as práticas educativas interferem na construção da autonomia do ser do educando. A reflexão sobre a prática educativa deve proporcionar a autonomia dos e das educandas e chama a atenção para o aprender, o ensinar e o pesquisar. É preciso analisar, portanto, teoria e a prática para que o educador se coloque no lugar do educando e consiga melhorar a sua atuação educativa. Uma vez que o conhecimento está em constante transformação, é importante nos atentarmos para o fato de que nunca sabemos tudo e é fundamental a participação, o diálogo, e a valorização dos saberes, para a busca da igualdade humana.

Informa, também, que a autonomia, assim como nosso processo de humanização não é um dado pronto e acabado. O e a Educadora, ao saber que o

processo de autonomia é um vir a ser, ou seja, é um processo de amadurecimento, precisa estimulá-la nos estudantes, por meio de experiências de vida respeitadas:

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (FREIRE, 1996 p. 107).

Ou seja, a autonomia é adquirida gradativamente. Vai se constituindo por meio de nossos atos de decisão e amadurecendo que se dá aos poucos e não tem hora marcada para acontecer. O processo se inicia desde a primeira infância no convívio familiar, da qual tem a responsabilidade de expressar a autoridade com respeito, entendendo que a criança possui direito de escolha e que é a partir das experiências vividas que está irá adquirir a sua capacidade de tomar suas próprias decisões, “ É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE 1996, p. 107).

Paulo Freire acredita que o ser humano não nasce completo. Para ele, necessidade e liberdade fazem parte das características que formam o ser humano. As necessidades humanas são características que não dependem diretamente da liberdade. Contudo, em decorrência das condições sociais, a humanidade sente-se ameaçada ao admitir-se como sujeitos de sua própria história. Nesse sentido, a conquista da autonomia se dá a partir da união de processos distintivos que precisam ser trabalhados nos indivíduos. Sua constituição acontece nas relações simultâneas com a sociedade, que possibilita a formação de si e a transformação do meio em que vive e de outros. Ou seja, a autonomia acontece a partir da integração dos sujeitos em seu meio natural (PITANO, GHIGGI, 2009).

No Livro *Pedagogia Como Prática de Liberdade* Freire (1967) esclarece que há um grande embate no processo de humanização, visto que a cultura dominante promovida pelas elites, influenciam as classes populares a descreditarem em sua capacidade libertadora e transformadora e as afastam de suas raízes, tornando assim, sujeitos incapazes de questionar a realidade em que vivem ou mesmo tomar as rédeas

da história em suas mãos e, como seres autônomos, construirão novas formas de vivência e organização social. Ou seja, aos oprimidos da vida são negados o direito de decidir.

[...] Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso da órbita das decisões (FREIRE, 1967, p. 43).

Por esta razão, Paulo Freire (1967), chama a atenção para a importância da partilha, valorizando a coletividade. Para ele, o abandono das práticas coletivas favorece a construção do individualismo que o torna inconsciente do seu poder transformador.

Do mesmo modo, enfatiza a educação como fator primordial para a emancipação dos sujeitos e propõe uma prática educativa conscientizadora e transformadora. Ao mesmo tempo, respeitosa, capaz de permitir ao educando conhecer o mundo e nele poder intervir como agente transformador.

3. A IMPORTÂNCIA DOS E DAS EDUCADORAS NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DOS E DAS EDUCANDAS

A prática docente, segundo Paulo Freire (1996) exige, primeiramente, dos e das educadoras o doar de si mesmo e a tranquilidade, paciência e, acima de tudo, o saber ouvir e se calar, não temer, e não negar a autoridade sabendo que é possível por meio de uma educação dialógica trabalhar em prol da autonomia dos e das educandas.

Para este grande teórico da Educação, os educadores que assumem uma pedagogia libertadora, atuam em prol de uma sociedade mais justa e voltada para o respeito e a valorização das diferentes identidades. A educação ofertada em um contexto escolar, deve valorizar, integralmente, segundo Edna Oliveira, nos dizeres Freireanos, os valores sociais e impulsionar os educandos à busca da igualdade. É nesse sentido que Freire propõe [...] "Uma pedagogia fundada na ética, no respeito à própria autonomia do educando" (OLIVEIRA, 1996, p. 10).

Freire (1996), discute práticas necessárias para que o educador possa contribuir com a construção da autonomia do educando. Vejamos o que a educadora Oliveira (1996) ressalta no seu prefácio à obra *Pedagogia da Autonomia*.

Como os demais saberes, esta demanda do educador um exercício permanente. É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnosiológica (OLIVEIRA, 1996, p. 10).

Em *Pedagogia da Autonomia* traz como relevante o conceito do educador como aquele que não se coloca numa posição de verticalização em relação ao educando. Ao contrário, entre ambos há uma relação de horizontalidade, em que um aprende com o outro e que ao professor não cabe apenas transferir o conhecimento:

É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a

compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar (FREIRE, 1996 p. 118,119).

Ele ressalta que é necessário o educador construir relações com os educandos para que o ensino proporcione troca de conhecimentos, bem como estar em constante busca pelo saber. Construção de relações estas que favorecerá na construção do diálogo que por sua vez favorecerá na construção da autonomia do e da educanda.

Nesse diálogo entre educador/a e educandos o ponto de partida para Freire (1996) deve ser a inconclusão dos seres humanos. Aí deve se estruturar todo o processo educacional:

O melhor ponto de partida para estas reflexões é a inconclusão do ser humano de que se tornou consciente. Como vimos, aí radica a nossa educabilidade, bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca em que, curiosos e indagadores, não apenas nos damos conta das coisas, mas também delas podemos ter um conhecimento cabal. A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas (FREIRE, 1996, p. 68,69).

Educadoras/es e educandas/os devem se sentirem seres em construção e, portanto, capazes de, em condições de liberdade, transformarem a realidade e recriarem seus mundos.

Neste sentido, Freire (1996), ressalta a importância do processo educacional para a construção do saber e formação da autonomia. Para tal, os e as educadoras devem se atentar às diferenças relacionadas à autoridade-liberdade, autoritarismo e licenciosidade, uma vez que, o autoritarismo e a licenciosidade negam a vocação ontológica do ser humano. Devem em sua prática docente se apresentar com autoridade que respeita a capacidade criadora dos e das educandas, suas individualidades e aquilo que trazem, permitindo que sintam liberdade de assumirem seu poder de decisão diante das situações cotidianas. Paulo Freire descreve isso assim:

Como professor, tanto lido com minha liberdade quanto com minha autoridade em exercício, mas também diretamente com a liberdade dos educandos, que devo respeitar, e com a criação de sua autonomia, bem como com os ensaios de construção da autoridade dos educandos. Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei (FREIRE, 1996, p. 95).

Desse modo, pode se afirmar que a autoridade exercida pelos educadores e educadoras está interligada à prática pedagógica democrática, para o conhecimento científico e para competência profissional. A autoridade docente não deve ser rígida, negativa ou de qualquer outra forma que neutralize os e as educandas, o despertar da criatividade e a liberdade de se aventurar-se e de se expressar.

A autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. Pelo contrário, aposta nela. Empenha-se em desafiá-la sempre e sempre; jamais vê, na rebeldia da liberdade, um sinal de deterioração da ordem. A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta (FREIRE, 1996, p. 93).

Enfatiza que ao assumir a prática docente democrática os e as educadoras estão exercendo a sua liberdade e contribuindo para o exercício da liberdade do ser do educando e da educanda. Logo, as ações integrativas que ocorrem com o outro e com o mundo não se constrói no individual. Em seu Livro “Educação como Prática da Liberdade”, Freire (1967) ressalta que os seres humanos são seres ativos e que precisam estar no ambiente e nele inserido, pois ao interagir nele e com ele vai sendo dotado de características de si e do contexto social do qual está inserido.

Paulo Freire ressalta que a prática docente exige a postura do ser pesquisador, crítico, reflexivo, aberto ao novo e acima de tudo reconhecer a identidade do e da educanda a partir do diálogo. Para tanto, Freire (1996) chama atenção à importância de o saber pedagógico ser sensível às vivências dos e das educandas.

A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. [...] O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história (FREIRE, 1996, p. 136).

É nesse sentido que o e a educadora não são donos absolutos dos saberes. Estes representam os mediadores do conhecimento que, ao ensinarem, permitem a construção dos saberes. E nesta produção de saberes é necessário que haja liberdade para que os e as educandas possam garantir a sua aquisição e construção.

O e a educadora promove no e nas discentes, o desenvolvimento de sua capacidade crítica, a curiosidade e a sua insubmissão. Para isso, é necessário que o e a educadora organizem seus trabalhos no que diz respeito ao cumprimento de suas ações das quais levarão os e as educandas ao pensar crítico e reflexivo. Assim,

[...] ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo (FREIRE, 1996, p. 26).

Ao educador está a tarefa de ensinar o educando e a educanda a pensarem certo. Logo pensar certo para Paulo Freire requer;

[...] o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica o compromisso da educadora com a consciência crítica do educando, cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente (FREIRE, 1996, p. 29).

Ou seja, eu ensino meus educandos e educandas pensar certo quando respeito sua história de vida e o seu cotidiano. Quanto parto do seu cotidiano e não renego a sua cultura. Quando o ensino a ler o mundo por meio da leitura da palavra, mas respeitando o seu universo vocabular.

A busca à autonomia parte da total imersão no mundo que, segundo Paulo Freire, (1996, p. 54) “[...] de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história”, ou seja, da compreensão do poder de fazer história, de sonhar, politizar e ser aberto para receber o conhecimento novo. Implica ainda, na imposição da decisão, escolha e, sobretudo, capacidade de intervir na realidade.

O e a educadora deve dar sentido para o que está ensinando a partir do exemplo, e ser verdadeiro, tornar a aula dialógica de forma que está proporcione aos educandos e educandas o despertar para o processo reflexivo, para a capacidade permissiva do conhecimento novo substituir o anterior, e se definirem como sujeitos pensantes e capazes de estar no mundo e nele poder intervir. Dessa forma, “cuja prática o ensino dos conteúdos jamais se dicotomiza do ensino do pensar certo” (Paulo Freire 1992, p. 86).

Kohan (2019) nos relembra que uma educação baseada no diálogo e no respeito à palavra do outro deve predominar as práticas educativas. Relações educacionais que valorizem o processo dialógico e que permitam o fortalecimento de uma educação igualitária, contribuindo para a vocação do ser humano de se tornarem ser mais - a aprendizagem do estar no mundo e nele poder intervir.

Dessa forma, é possível impedir a continuidade da educação bancária que inibe a criatividade do ser do educando e anula a essência na relação educadores/educandos. Em Pedagogia do Oprimido, uma das grandes preocupações de Freire é com a opressão e com a superação desta situação de violência. Opressão que atinge tanto ao que oprime quanto ao oprimido. É necessário para superar a opressão, que o próprio oprimido expulse de dentro de si o desejo de ser opressor, de ocupar o lugar de quem oprime. Pois na nossa sociedade violenta, autoritária e desigual, a ideologia de sucesso, de êxito, de vencer na vida é ocupar o lugar do opressor. Ou seja, é ser você o detentor das riquezas às custas do trabalho e exploração dos demais. E essa ideologia é tão forte, que os próprios oprimidos em seu

processo de libertação e de luta por uma sociedade melhor precisam trabalhar isso dentro de si próprios.

[...] como poderão os oprimidos, que “hospedam” ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (FREIRE, 1987, p. 26).

Sabemos que, a vocação ontológica do ser humano é de ser-mais, de construir sua própria história. No entanto, o modelo tradicional de educação tem como base o depósito de conhecimentos, que coloca os e as educandas como meros receptores de conhecimentos – o de sermos seres-menos - sem nenhuma chance para o despertar do pensamento crítico revolucionário. Vejamos o que pensa Paulo Freire:

É que, se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a “educação bancária” pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação. Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade. Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador. Isto tudo exige dele que seja um companheiro dos educandos, em suas relações com estes (FREIRE, 1987 p. 50).

Freire ressalta a importância de uma educação libertadora que capacite os oprimidos a romperem a situação de desigualdade a partir de suas relações sociais, visto que:

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens (FREIRE, 1987, p. 16).

Os seres tratados como seres menos devem vencer o paradigma que somente as classes mais abastadas têm o que é correto para a vida:

A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se. Este deve refletir e tirar o complexo de inferioridade não para ser melhor que os opressores, mas para ser o restaurador do processo de humanização (FREIRE, 1987, p. 23).

Nesse processo, a educação democrática é a grande aliada para a libertação dos seres menos. Aos educadores e às educadoras é dada a oportunidade de transformar profundamente a vida dos e das educandas, visto que, cabe a eles e elas, serem o provedor e a provedora da consciência crítica, partindo do escutar, do diálogo, e da troca de experiências que levam os e as educandas a compreenderem e problematizar o meio social em que vive (FREIRE, 1987), potencializando a liberdade e o nível de autonomia das pessoas dos e das educandas.

A própria essência da democracia envolve uma nota fundamental, que lhe é intrínseca — a mudança. Os regimes democráticos se nutrem na verdade de termos em constante mudança. São flexíveis, inquietos, devido a isso mesmo, deve corresponder ao homem desses regimes, maior flexibilidade de consciência (FREIRE 1967, p. 90).

A crença na autonomia para Freire (1987) se dá pela sua crença nos seres humanos como seres em constantes processo de transformações. Por esta razão cabe aos educadores e educadoras promoverem a valorização daquilo que o educando e a educanda é e o que reflete da sua cultura.

Ao fazer opção por uma educação voltada para a autonomia informa a necessidade de os sujeitos valorizarem os valores coletivos e de grupos, contrário aos dos opressores. Sobre isso, assim afirmam Sá e Duarte, ao comentarem a obra de Freire (2020, p.17),

[...] essa concepção pedagógica não pode se negar a transformar o mundo através do diálogo, ao mesmo tempo em que precisa somar

força e resistência a quaisquer autoritarismos pedagógicos vigentes. Agindo nessa perspectiva, o educador torna-se capaz de perceber seu fazer histórico como possibilidade de, permanentemente, interagir com o processo de transformação da realidade e de si mesmo, o que, em regra, se mostra coerente com a percepção auto libertadora difundida pela pedagogia da autonomia.

O processo de conscientização segundo Freire (1967) acontece, principalmente, por meio de uma educação dialógica e democrática que se fortalece na relação educador/a educando/a e no favorecimento da construção de um pensamento crítico. Pensamento este que se afasta da competitividade e se aproxima dos valores democráticos e de solidariedade. Nisto,

a professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido (FREIRE, 1987, p. 86).

Como já vimos, o processo democrático é fundamental no movimento de construção da autonomia pelos educandos e educandas. Processo este, que, como já afirmado, não é natural, mas uma construção cultural que se dá a partir das relações sociais com outro, com o mundo e com o conhecimento. Dessa forma cabe aos educadores/as, além dos conteúdos curriculares, interagir dialeticamente, de forma que, de eticamente aja pela autodeterminação de seus e suas educandas.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão (FREIRE, 1996, p. 59)

A interação dialógica promove por meio da troca de saberes o despertar da curiosidade dos e das educandas que possibilita novos saberes dos quais são responsáveis pela autonomia dos mesmos. É nesse sentido que ao escutar a

inteligência dos educandos está promovendo a reflexão e o encorajamento para as tomadas de decisões (FREIRE, 1966).

Deste modo, educação dialógica promove o encontro de sujeitos que buscam simultaneamente o conhecimento. Este ao se estabelecer no âmbito educacional eleva a capacidade criadora do ser do e da educanda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, elegemos como objetivo geral o de refletir, de modo preliminar, sobre a importância dos e das educadoras, segundo a teoria Freireana, na construção da autonomia dos e das educandas. Para tanto, percorremos o seguinte caminho: primeiramente, realizamos uma investigação sobre a vida e a obra de Paulo Freire: quem ele é, sua infância, momentos vividos no exílio, obras e o seu conceito sobre educação. Posteriormente, buscamos compreender o significado de autonomia e o que ela representa na obra de Freire para, a seguir, discutir a importância dos e das educadoras na sua construção nos e nas educandas.

Realizar este trabalho de Conclusão de Curso me fez refletir no legado do grande educador Paulo Freire que, incansavelmente, lutou para que hoje pudéssemos dar continuidade a seu sonho de proporcionar aos e às estudantes, a oportunidade de poder serem pessoas críticas, reflexivas, livres e autônomas e, portanto, autores, autoras e protagonistas de suas próprias histórias.

Notamos que o trabalho do e da educadora deve, desde o princípio, estar pautado em uma relação dialógica, voltada para o escutar aquilo que os educandos e educandas trazem de suas vivências - ser aberto para o novo, entendendo que o conhecimento não está pronto e que um grande princípio a ser percorrido é o de que ensinar exige respeito à autonomia do ser dos e das educandas. Embora vivamos em uma sociedade capitalista é possível notar que existem educadores e educadoras comprometidos em se doar para uma educação votada à libertação dos oprimidos e em prol da autonomia de todos e todas as pessoas.

A Pedagogia libertadora nos ensina que os educadores que são tocados por uma prática transformadora compreendem que a autonomia é um processo centrado em experiências que devem ser estimuladas. Experiências baseadas no respeito de quem enxerga no ser do e da educanda alguém em condições de fazer história.

Do mesmo modo, também compreendemos que segundo Paulo Freire os e as educadoras precisam estar cientes e conscientes de seu inacabamento. Educadores/as conscientes de seu inacabamento permitem aos e às educandas sentirem liberdade de expressão, e com ela a criação de possibilidades de construção

de sua própria autonomia e da importância de estimular seus educandos para tal. Como Freire mesmo nos ensina, aqui acontecerá a dialogicidade verdadeira – a de dois sujeitos que aprendem juntos e crescem juntos.

Por último e, também, muito importante, esta pesquisa contribuiu, significativamente, para a minha formação, tendo como eixo principal minha visão para a importância do diálogo e sua relevância dentro do contexto educacional. As relações dialógicas com o outro possibilitam a troca de experiências e com elas o despertar para novos pensamentos e novas ações. E assim, independente do meio social e das diferenças que existam nas relações humanas, é possível ter esperança em um mundo melhor.

REFERENCIAS

FERREIRA, A. B. H. Ferreira. Mini Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa. Positiva: Curitiba, 2010.

FREIRE, A. M. de A. **Paulo Freire**: Uma bibliografia Moacir Gadotti: CORTEZ EDITORA INSTITUTO PAULO FREIRE, São Paulo — SP 05061-100 — São Paulo — SP Impresso no Brasil — abril de 1996, ISBN: 85-249-0610-3.

____ **Paulo Freire**: uma história de vida / Ana Maria de Araújo Freire. – 1. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE. **Pedagogia da autonomia**: Saberes Necessários à prática educativa. Paulo Freire: Paz e Terra, 1996

____ . **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

____ . **Pedagogia da Esperança**: reencontro com a **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

____ . **Educação como Prática da Liberdade**. ed. Paz e Terra Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GADOTTI, M. **Um Legado de Esperança**. São Paulo, Cortez, 2001.

____ Moacir. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 1987.

HOUAISS, A. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KOHAN, W. **Paulo Freire mais do que nunca**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos Metodológicos na Construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.

MAIA FILHO O. N.; CHAVES, H. V.; SEIXAS, P. S. Por uma educação para a autonomia. **Revista Psicol. educ.** no. 46 São Paulo jan./jun. 2018.

MARTINS, A. M. Autonomia e Educação: A Trajetória de um Conceito. **Caderno de pesquisa**, n.115, p. 207-232. 2002.

OLIVEIRA, E. C. Prefácio ao livro **Pedagogia da Autonomia**. 1996.

PITANO, S. C.; GHIGGI, G. Autoridade e Liberdade na Práxis Educativa - Paulo Freire e o Conceito de Autonomia. **Revista Saberes**. Natal – RN, v. 2, n.3. 2009.

SÁ, M.; DUARTE, J.A. Autonomia para ensinar e aprender: pela liberdade na prática pedagógica. **Revista Educação e Linguagem**. 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assunto: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assinado por: Matheus Souza

Tipo do Documento: Documentos

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 30/08/2022 17:21:17.

Este documento foi armazenado no SUAP em 30/08/2022. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 325956

Código de Autenticação: 778ea9a927

